



Parisienses: MADEMOISELLE DE MORVAN  
(Cliché Reutlinger)

Segunda série — N.º 445

## Ilustração Portuguesa

Lisboa, 31 de Agosto de 1914

Director e proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: José Doubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição  
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal  
**O SEculo**

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840 "	10 centavos
Ano.....	4880 "	

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

# HIGIENE & BELEZA

## A cutis altera-se á beira-mar

Começam as senhoras, n'esta altura do ano, a queixar-se de ter a pele do rosto estragada, apresentando um tom amarelado, principalmente em volta dos labios, aos lados dos olhos, etc. Queixam-se, sobretudo, as que estão á beira-mar ou na aldeia. E' certo que esse amarelado é muito feio e convém immediatamente tratar d'isso para que a cutis não fique dentro em pouco por completo estragada.

A culpa d'esse defeito tem-a as proprias senhoras, por não terem cautela e não to-marem medidas preventivas.

Quando se vae para a praia ou para a montanha é indispensavel levar consigo véus, de preferéncia vermelhos ou amarelo palha, e não sair vez nenhuma ao sol sem levar um d'esses véus, havendo toda a vantagem em usar sombrinha e chapéus de largas abas. Tudo isto já se sabe para quê: desviar do rosto os raios do sol.

Aquelas côres são as unicas que protegem eficazmente o rosto contra as ações quimicas do sol. São, com effeito, os raios quimicos do sol e não os seus raios luminosos a causa d'estas perturbações da pele. Todas as outras côres não servem para nada.

Mas não ha só o sol a ter influencia n'es-

sas perturbações: ha tambem o ar especial do mar e da montanha que atacam fortemente a pele. Todas as senhoras sabem como ficam tismadas nos braços e no rosto, depois d'uma temporada á beira-mar. Não ha nada mais desgraçoso, nem que tão facilmente conduza a arranjar doenças de pele, manchas que difficilmente saem, etc. Muita gente não liga importancia a isto, ignorando que a maior parte das senhoras que apresentam uma pele grosseira, a tinham fina e bela e só se lhe tornou assim por falta de cuidados, aliás bem simples.

Portanto, como é preferivel prevenir do que remediar, devem todas as senhoras, antes de sair de casa, na praia ou no campo, ou depois do banho, quando tomam banhos de mar, passar no rosto e nas mãos e braços, uma camada de crême, sobre o qual deitarão pó de arroz. O ar do mar não chegará assim á pele e não poderá estragá-la.

Surge, porém, um inconveniente: é que os crêmes são todos mais ou menos gordurosos e, desaparecido o pó, fica o rosto lustroso, o que é muito desagradavel. Esse inconveniente desapareceu desde que foi inventado o

## CRÉME ACTIVA

Empregando-se só, de cada vez, uma pequenissima porção, e estendendo-o bem no rosto, ele desaparece nos poros da pele por fórma que não se sente mais nos dedos. Usa-se este crême e ninguém dá por isso. Pode-se usar por cima pó ou deixar de usar, que é o mesmo. O rosto fica mate, não tem brilho, como succede com todos os outros crêmes. E, ao mesmo tempo, contendo o

### CRÉME ACTIVA

emanações de radio, a pele fica mais elastica e muito melhor defendida, pois toda a

gente sabe hoje em dia que no estrangeiro e já entre nós se estão fazendo com as emanações de radio, curas maravilhosas de doenças de pele. D'este

### Crème Activa

venderam-se no ano ultimo em França 22 milhões de boîtes grandes e está a vender-se em Portugal de fórma extraordinaria.

N'estas condições, todas as senhoras devem munir-se do **Crème ACTIVA**, cujo exclusivo de venda para Portugal possui a nova e luxuosa casa

## AU BONHEUR DES DAMES--Rua do Carmo, 5--LISBOA

que o envia pelo correio para toda a parte, bastando que o peçam por meio de um simples bilhete postal. O boião grande que dura para 4 mezes, custa 23000 réis e paga 150 de correio; o boião pequeno, que dura para um mez, custa 600 réis e paga 80 réis de correio. E' enviado n'uma elegante caixa, não deixando vêr de que se trata.

E' util mandar ir tambem o

### PÓ DE BELEZA ACTIVA

que é uma das melhores *veloutines* e custa

18300 réis a caixa grande, ou 800 réis a caixa média. Ha de todas as côres. E para usar de tarde e á noite, nos casinos, é excelente o **BIKOOL**, um pó egipcio que passado levemente pelas pestanas dá aos olhos uma expressão magnifica de aveludado, sem os pintar, sem se conhecer e nem lhes fazer mal. E' muito usado por todas as grandes damas francezas, se do de uso corrente em todas as mulheres orientaes. Um frasquinho de luxo, com pó que dura para um ano, usando-o todos os dias, custa 18500 réis. Desde que vão os tres produtos juntos pagam apenas 150 de correio.



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 445

31-8-1914

## Os dois papas

Na madrugada de 20, todos os siros de Roma dobraram. Pio X extinguiu-se, suavemente, como uma criança. Os frades de Santo Agostinho oravam em silêncio. O cardeal Zampini, mais palido ainda na mancha vermelha da sotaina, curvára-se diante do cadáver.

«Il nostro sior Beppo», como Venesa chamava ao seu patriarca, passara pelo pontificado como uma sombra indecisa e vacilante, que as mãos de Merry del Val conduziam. A sua política era

a política da Companhia de Jesus. A sua vontade era a vontade do secretário de Estado. Pouco antes da morte de Pio X, Merry del Val recebera na sala dourada dos Borgia a notícia de que o geral dos jesuitas, o padre alemão Francisco Wernz, acabava de morrer em Hespanha. O papa branco, fielmente, seguira na morte o papa negro. Até n'isso estiveram de acordo.

## Pequenos paizes

O estado-maior do Káiser estudou durante quinze anos a guerra. O «grande comediante imperial», como Clemenceau acaba de chamar a Guilherme II, previu tudo, calculou tudo, mediu tudo, — rigorosamente, matematicamente. O problema da marcha fulminante sobre Paris foi posto em equação. O «imperador Bonot» considerou-o resolvido. Simplesmente,



nos seus cálculos, estreitamente numericos, não contou nem com o elevado coeficiente moral da França, nem com o imprevisto «elan» heroico dos pequenos povos. A Belgica, que Napoleão considerava o melhor campo de batalha da Europa, será para Guilherme II a casca de laranja. Waterloo está tendo, de seculo em seculo, a honra de vèr cair um imperador.

## Nós e a guerra

Em breves dias, os dois corpos expedicionarios seguirão para as Africaes portuguezas. Se a Inglaterra, nos precisos termos dos instrumentos diplomaticos, solicitar a intervenção armada de Portugal no conflito européu e se, consequentemente, a nossa attitude atual de espetativa se converter n'uma posição definida de beligerantes, a fronteira norte de Mo-



çambique e a fronteira sul de Angola, onde a ambição alemã espregida d'aquem Rovuma e d'além Cunêne, encontrar-se-hão guarnecidas e defendidas. São as primeiras forças portuguezas que partem. E', quem sabe, o primeiro sacrificio do sangue portuguez á loucura do cezarismo teutonico. São os primeiros irmãos que nos deixam. Irá com eles, seguindo-os, acompanhando-os, envolvendo-os como um clarão, a alma comovida, a alma ansiosa de Portugal.

## Folk-lore

Tenho, já ha mezes, sobre a minha mesa de trabalho, um interessante livro a que ainda não me referi: «Velhas Canções Portuguezas», de Pedro Fernandes Tomaz. São elementos valiosos para alguém que mais tarde, a exemplo do que fez Schurç para o cancionero alemão, Weckerlin e Champfleury para o francez, Da-



vid para o do paiz de Galles, Nazos para o da Grecia, queira tentar a coleção definitiva e o estudo das construções melodicas do nosso «folk-lore» musical. E' nos povoados distantes, nos extensos latifundios, nas altas montanhas, nas regiões remotas e agrestes do paiz — diz, com nobre elegancia, o prefacio erudito de Antonio Arroio — que devem amanhã colher-se as impressões mais intensas e mais fortemente diferenciadas do rico «folk-lore» portuguez.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



# O PERDÃO



PEÇA EM 1 ÁTO

DE

AFONSO GAIO

Representada, pela primeira vez, em italiano, no Teatro da República, em 24 de maio de 1913, pela companhia Italia Vitaliani-Carlo Duse

## PERSONAGENS

CARLOTA.....	Italia Vitaliani
ANASTACIO.....	Carlo Duse
ANA.....	Madame Calabresi
JOSE.....	Sr. Bodda
LEONOR.....	Mademoiselle Calabresi

A ação passa-se nos arredores de Ourem

## Atualidade.

Uma cozinha de lavrador, tendo, ao fundo esquerdo, a porta da rua, e na mesma parede, junto de uma escada praticável, uma cantareira em cuja prateleira de cima ha tocas de cozinha e em baixo, á altura da mão, tres cantaros. Ao lado da cantareira um armario com varios utensilios de cozinha. Ao centro uma meza em cima da qual está um candelieiro de azeite de tres bicos que illumina a cena. A esquerda alta uma porta para o interior e na baixa, uma lareira com chaminé larga, cuja parede em linha obliqua vae até ao teto. Dentro da lareira ha dois compridos bancos, onde se sentam as figuras. O lume está aceso e do alto da chaminé pende uma corrente de ferro, já enegrecida, que sustenta uma panela. No reboordo da chaminé, da parte de fóra, ha pratos colocados ao alto e uma candelêa espetada. E' notte.

## CENA I

Anastacio e Ana

(Ao levantar o pano, o vento assobia e bate de encontro ás portas parecendo desconjuntal-as; ouve-se chover)

ANA (atitando o lume, á lareira).—Que vendaval, santo Deus!

ANASTACIO (sentado á lareira).—Este inverno vai mau para todos. (Transição) Peor estou eu, que não posso arribar a casa.

ANA.—Dá-lhe cuidado, isso? Ainda ali ha uma cama de sobra.

ANASTACIO.—Se continúa a chover d'esta maneira, aceito a pousada, bem que me custe ficar fóra do meu aprisco.

ANA (sorrindo).—O sr. Anastacio não tem nenhum á sua espera...

ANASTACIO.—Estou agora como o compadre José, mas com uma differença: eu nunca me casei, ao passo que ele, agora, nem casado nem viuvo...

ANA.—Não me fale n'isso, que até nem sei dizer o que sinto. Esta casa não parece a mesma, depois que e'a abalou, sabe Deus para onde...

ANASTACIO.—Quem havia de dizer! Já lá vão cinco annos! Parece que ainda foi hontem que se batizou a pequenita. Estou a vér a mãe com a filha nos braços, a boquinha, como um cravo vermelho aberta, a rir, a rir...

ANA.—Se me lembro!

ANASTACIO.—Como o tempo passa! E nós a envelhecer, a envelhecer... vocemecê e eu, porque o compadre... esse!...

ANA.—Não diga tal. Não parece o mesmo homem. Embranqueceu de repente...

ANASTACIO.—Coitado! Agora para aí anda

com a filha de um lado para o outro sem saber como...

ANA.—E é o que lhe vale! Eu por mim quero-lhe tanto, como se ela fosse minha neta; mas não posso substituir a mãe...

ANASTACIO.—Tem voce necê razão. A mãe é para o filho tenro, como a casca para a arvore.

ANA.—Eu cá, ainda digo que aquilo só por artes do demonio! Grande differença de idade, genios opostos; um casamento desigual. Ela era uma menina educada, que tinha sido rica.

ANASTACIO.—E ele o culpado. Não comprehendendo isso, maltratava-a de palavras e pancadas... Eu algumas vezes lh'a tirei das mãos.

ANA.—Sim, a minha pobre ama merecia outro homem, se bem que o patrão José, apesar de rustico, seja bom.

ANASTACIO.—Má sina era a d'ela, por certo! E d'aí, quem sabe, quantas vezes a misera se terá arrepido!

ANA.—Sim! Quem sabe lá! (chave com mais violencia).

ANASTACIO.—Safa! Que uma noite d'estas não é para andar por caminhos!...

ANA.—Eu já estou em cuidado com o patrão José.

ANASTACIO.—A mula é segura das pernas e o carro tem boas molas... (ouve-se um pequeno ruido na porta da E.).

ANA.—Vae p'ra aí chegar n'uma sopa. (Indo ao meio, indica que ouviu qualquer ruido). Com esta bulha da chuva, não se ouve nada! Mas ia jurar que... (indo a Anastacio).

ANASTACIO.—Quê! O compadre? Mesmo lá de longe se ouve a guizeira da mula.

ANA.—Seria engano meu...

ANASTACIO.—Naturalmente, algum ramo de arvore que bateu de encontro á porta. (Torna a ouvir-se o mesmo ruido).

ANA.—Se eu estivesse sósinha... (aplica, de novo, o ouvido).

ANASTACIO (sorrindo).—Tinha medo? De noite, a furia do vento sente-se mais...

ANA (indo ao meio e escutando). Parece que... bateram á porta!...

ANASTACIO (rindo).—Com uma noite d'estas!... Nem os ladrões se aventuram!

ANA (indo á lareira).—Eu não estou lá muito bem da vista; mas, a respeito de ouvido, ainda não é dos peores...

ANASTACIO.—Se o compadre se demora tem que me dar uma codea de pão para ir entretendo a debilidade...

ANA.—E' para já! Não faça cerimonia n'esta casa, onde é como pessoa de familia... (indo á mesa).

ANASTACIO (sequindo Ana com os olhos).—Onde vae vocemecê? (sorrindo) Venha cá. Eu disse isto por dizer. A fome não é tanta... que...

ANA (abrindo a gaveta).—Veja lá! A ceia está quasi pronta, mas, entretanto...

ANASTACIO.—Não, não; foi geito de falar. E' que tenho freimas. O compadre tarda.

ANA.—Nunca se demorou tanto. Eih, hoje, meteu-se a caminho por causa da filha. Tinha que a mostrar ao medico. Mas a tarde não estava tão en-sombreada.



ANASTACIO.—O raio do temporal levantou-se de repente... *(a chuva abreanda mais)*.

ANA.—Olhe, parece que amainou o vento...

ANASTACIO.—Sim, isto era uma enxurrada! Vae passar, não tarda.

ANA *(junto da lareira)*.—Aquele que não precisa de andar lá fóra, exposto ás invernias, não sabe a felicidade que tem, *(ouve-se uma pancada na porta da E.)* Não ouviu agora? *(indo ao meio)*.

ANASTACIO *(seguido Ana com os olhos)*.—Vocemecê está hoje medrosa!

ANA.—Escute! *(Batem com mais força)* Não ha duvida que bateram!

ANASTACIO *(correndo-se)*.—Agora, parece-me que lhe dou razão. Deixe vêr, se batem outra vez...

ANA.—A esta hora e por estes sitios!...

ANASTACIO.—Alguem pobre desencaminhado! Quem havia de ser!... *(batem com mais força na porta)*.

ANA.—Não sei porquê, tenho mêdo!...

ANASTACIO.—O caso não é para tanto!... *(indo junto da porta)* Quem está aí? *(virando-se para Ana)*. Ninguém responde.

ANA.—O melhor é não abrir!...

ANASTACIO.—Não se assuste. *(gritando para fóra)* Quem está aí? *(ouve-se um gemido)* E' alguém a gemer!

ANA *(um pouco aflita)*.—Veja lá, sr. Anastacio! Tome cuidado.

ANASTACIO.—Vamos a vêr. *(abre a porta e, no limiar, aparece Carlota, pobremente vestida, molhada, n'uma atitude de humildade, de inquietação e de receio)*.

## CENA II

### As mesmas e Carlota

ANA *(dando um grito)*.—Jesus! Que vejo eu! A minha rica senhora!... *(indo a Carlota, que ajoelha)*.

ANASTACIO.—A comadre!

ANA *(ajoelhada, enrugando Carlota, abraça-a, chorando)* Pelas cinco chagas de Cristo! Comovem molhada!...

ANASTACIO *(com espanto)*.—Mas eu estou vendo!...

CARLOTA *(depois de relancear os olhos pela cena)*.—Se sou bem eu... a sua comadre!... *(abraça Ana, chorando)* Minha velha ama! Minha santa! Já não te pareço a mesma!

ANA.—Que ideia, menina! Eu é que não estou em mim!...

CARLOTA *(de olhar ansioso, tímido, aberta brandamente Ana)*.—Mas onde está! onde está!...

ANA.—E!e! Ainda não veiu...

ANASTACIO.—Mas não pôde tardar...

CARLOTA.—A minha filha! A minha adorada filha! *(chora amargamente)*.

ANA *(acariciando Carlota)*.—Então, não vale chorar agora! A minha rica menina está toda molhada... Venha aquecer-se ao lume! E' preciso mudar de roupa...

CARLOTA.—Ana! Ana! *(em tom suplicante)* Tu ainda me queres?

ANA.—A sua velha ama que andou consigo ao colo... Se não havia de querer-lhe... *(beija Carlota)*.

CARLOTA *(a Anastacio)*.—E o meu... compadre não sente, ao vêr-me, uma repulsa? *(gesto de Anastacio)* Sim, sim. Eu mereço o desprezo de todos. Eu fui má mulher! Sou mãe desnatrada! *(gesto de repulsa)* O! que horror! Como eu tenho desprezo por mim prop'ia! Como descí á lama dos caminhos!

ANASTACIO.—Por quem é, comadre, não fale assim. *(bondoso)* O que lá vae, lá vae! Não se pensa mais em tal coisa!

CARLOTA.—Eu mereço tudo, menos a compaixão!

ANASTACIO *(com ternura)*.—Eu sou um pobre velho... Podia ser seu pae, comadre! E é como pae que lhe falo... *(a Ana)* Ande, tia Ana! ajude-me! Esta creatura está a morrer de frio!... *(pega em*

*Carlota, com a ajuda de Ana, querendo levá-la para a lareira)*.

CARLOTA *(em pé)*.—O! não! não! Sentar-me a'í, nunca! *(gesto de humildade)*.

ANA.—Mas, se não pôde ficar assim! Está mesmo enregelada!... A morrer com frio!

CARLOTA.—Morta já eu estou para tudo!...

ANA.—E a sua filha?

CARLOTA *(de olhar iluminado)*.—A minha filha! *(transição)* Mas diz-me tu, para que eu não corê de vergonha! Diz-me tu, minha velha ama:—como está a minha filha! Muito linda?

ANA.—Como a menina, quando era pequenina!...

CARLOTA.—E pude eu enjeitar esse anjo! E não morri, quando deixei esta casa... *(relanceia o olhar em torno)* E tudo está como quando eu parti!...

Nada aqui falta... Nem o arranjo, nem o cuidado da minha santa ama, de ti, minha Ana! *(abraça Ana)* Se fosses minha mãe, não te queria mais como filha!...

E tudo isto eu perdi! Era aqui o paraíso, a vida da minha vida! *(soluça nos braços de Ana)*.

ANA *(chorando)*.—Mas eu não posso mais!...

ANASTACIO *(de lágrimas nos olhos)*.—Vamos, minha filha. Agora, sou eu quem manda aqui. *(tentando levar Carlota para a lareira)*.

CARLOTA *(vivamente)*.—Ali, não! Não, nunca. Atraz de uma porta, no chão, como um animal! Eu já não sou gente! *(gesto de horror)*.

ANASTACIO *(com ternura)*.—Já vejo que tenho que ralar! Não ha aqui nem a comadre, nem o compadre. Ha um velho que a aperta contra o coração. *(abraça Carlota)*.

CARLOTA *(com timidez)*.—Não mereço a sua piedade! Ai, de mim, que mereço eu!

ANASTACIO *(com ternura)*.—Eu não me queeria zangar, mas não tenho outro remedio... *(segura Carlota e leva-a até á lareira)*.

ANA.—Eu vou buscar um chá. *(sáe)*.

## CENA III

### Carlota, Anastacio e a voz de Ana

CARLOTA *(ao sentar-se)*.—Faça-me a esmola de me dar um pucaro de agua! Eu não tenho forças...

ANASTACIO.—Só agua! Mas vae tambem comer alguma coisa. *(indo á cantareira)* A agua está tão fria!... Será mêhor misturar-lhe um gôle de aguardente!

CARLOTA *(vivamente)*.—Não! isso não!...

ANASTACIO.—Não, porque? *(gritando para o F.)* O' tia Ana! O' tia Ana!

CARLOTA.—Pelo amor de Deus! \*

ANA *(de dentro)*.—Lá vou. Já lá vou!...

ANASTACIO *(indo á Carlota)*.—Agora quem manda aqui sou eu... *(chalecendo)*. Eu nunca tive mulher. Vou, ao menos, uma vez, fazer de dono da casa. *(rindo)* Não é assim? *(dá a agua a Carlota)*.

CARLOTA.—Obrigada. *(depois de beber)* Eu tinha a garganta sêca!...

ANASTACIO.—Bem; depois de dar de beber a quem tem sêde, dar de comer a quem tem fome! *(sorrindo)*.

CARLOTA *(vivamente)*.—Eu nada quero!...

ANASTACIO *(sorrindo)*.—Mau! Mau! Tenho que ralar!... Mas eu não quero zangar-me!...

CARLOTA *(beijando as mãos de Anastacio)*.—A sua bondade é uma obra de misericórdia! Mas para mim!... não quero nada; nada posso querer d'aqui!...

ANASTACIO *(sorrindo)*.—Lá voltamos nós á mesma!...

CARLOTA *(com humildade)*.—Perdão! Perdão!... Eu não posso esquecer-me do que sou... e do que vim fazer aqui!...

ANASTACIO.—Que veiu aqui fazer? essa, agora, não é má! Veiu para a sua casa. Retomar o seu loga, junto da sua filha!...

CARLOTA.—Eu!...

ANASTACIO *(sorrindo)*.—Sim. Pois então! Recebeu-a Ana, de braços abertos a chorar de alegria.



apertei-a eu de encontro ao meu coração!... (transição) Parece-me que não é preciso mais para...

CARLOTA (*atthamiso*).—Ficar aqui? Debaixo d'este tecto? O' não! Seria uma vergonha não só para mim, mas para... etc...

ANASTACIO (*sorrindo*).—Não diga coisas escusadas, minha filha. Uma vez que voltou, juro-lhe que ha de ficar!...

CARLOTA.—Mas...

ANASTACIO.—Qual mas, nem meio mas... Governo eu agora, já disse E' quanto basta! (*entra Ana do F.*)

#### CENA IV

As mesmas e Ana

ANA (*entrando com uma toalha nova e um chale nas mãos. A toalha de x-a em cima da meza*).—Ora, aqui está um chale novo. Ainda não foi estreado. Estava no fundo de uma arca. (*indo a Carlota pôr-lhe o chale aos hombros*) Sempre está mais agasalhada, assim!

ANASTACIO.—Tia Ana, toca a pôr a ceia na meza, quanto antes. Quem vier atrás, que feche a porta...

ANA (*sorrindo*).—Não, quem vier depois também ha de comer...

ANASTACIO (*pegando na toalha*).—Uma toalha nova,—que até podia servir a um altar!... Venha tudo quanto houver lá dentro de melhor... (*aduma palmada nos hombros de Ana e Carlota levanta as mãos em cruz*).

ANA—Com a maior alegria!... (*limpando os olhos*) Parece... que me sinto mais nova! (*sorrindo*)

ANASTACIO (*sorrindo*).—Boa velhota! (*transição*) Venha de lá o cangirão! Eu vou pelo vinho. Sei o caminho da adega. (*pegando numa candieia, que está pendurada na chaminé e sai pela E.*)

#### CENA V

Ana e Carlota

CARLOTA (*quando Anastacio vai a sair*).—Santo homem!...

ANA.—E' a bondade em pessoa!...

CARLOTA (*com vivacidade*).—E ele? Como está eie? Não me atrevi a perguntar diante do amigo...

ANA.—Como Deus é servido!

CARLOTA.—Não te pergunto isso, Ana!

ANA.—A menina deve compreender que ele nunca mais se esqueceu. Não lhe passou ainda. Para mim, é ponto de fé que...

CARLOTA.—Que dizes tu?

ANA.—Ainda se lembra de si!...

CARLOTA.—D: mim?... Com odio! Com re... (*faz um gesto de horror*)

ANA.—Não, menina. Com estimação. Sempre que se fala de si...

CARLOTA (*vivamente*).—Falavam muitas vezes de mim?

ANA.—Bastantes vezes... E sempre que isso vinha á baila, ele punha-se a barafustar, mas acabava sempre por se enternecer... Eram zangas com mais tristeza do que outra coisa!... A'! a menina, teve sempre no sr. Anastacio um bom defensor... Nem que fosse seu pai!...

CARLOTA.—Foi sempre muito meu amigo!...

ANA (*vivamente*).—Olhe, ainda ante-hontem os dois estiveram, para aí, a botar falas a esse respeito... O seu compadre, como sempre, deitou agua na fervura. Por fim, ele zangado, gritou-lhe:—Vai-te lá ensinar garotos. Tu a mim não me ensinas a pensar no que devo fazer! Mas aquilo eram palavras da boca. No fundo, ele sente outra coisa!...

CARLOTA.—E a lavoura? E o amanho das terras?

ANA.—O patrão José sempre foi homem de dar ordem á vida, como poucos! Esfalfa-se a trabalhar, por amor da filha,—diz elle!...

CARLOTA.—A minha filha! Como pude eu esquecer que era sua mãe!... (*chora*)

ANA.—Então, menina! Não chore mais!... Deixa uma mulher, por ter estado longe, de ser a mãe de um filho?...

CARLOTA.—Mas eu não estive longe, Ana. Perdi-me para o amor d'ela, sem deixar de ser uma mulher honesta. Passei muitas fomes e privações, mas nunca me tornei indigna da minha filha. Entendes?

ANA.—Creio, creio, menina. Vai agora recuperar o tempo perdido!... E não falemos mais n'isso!... (*ansiosa*) A'! eu tinha cá a esperança de que não havia de morrer sem lograr esta felicidade... E Deus fez-me a vontade!...

CARLOTA.—Como tu és minha amiga! Como tu és boa! (*assoma Anastacio ao F. D.*)

#### CENA VI

As mesmas e Anastacio

ANASTACIO.—Vinho, já nós temos e do melhor! (*a Ana*) E com relação á petisqueira?

ANA.—Está pronta!

ANASTACIO.—N'esse caso, é pô-la na mesa,—que é uma pressa!... Quanto ao compadre José... (*detem-se ao ouvir ao longe uma guiseira*). Ora, falai no mau...

CARLOTA (*levantando-se*).—Ele! (*indo ao meio*) Não, não posso ficar aqui!...

ANA (*indo a Carlota*).—Então, então!... Lembra-se da sua filha!...

CARLOTA (*estremecendo*).—A minha filha! A minha filha adorada!... Mas sou eu, porventura, mãe? Quem sou eu? A sombra de mim propria!... (*gesto de horror*).

ANA.—Socegue! Socegue... (*ouve-se mais a guiseira*).

ANASTACIO.—Tia Ana! E' preciso mais talheres.

CARLOTA (*vivamente*).—A' mesa! A' sua mesa nunca mais!... (*indo para o F.; ouve-se fóra, a voz de um homem*).

ANASTACIO (*indo á E. e abrindo a porta para fóra*).—O compadre quer uma ajuda?

JOSE' (*de fóra*).—Não é preciso. A pequena já me auxilia...

ANASTACIO.—E a chuva? (*sai*).

#### CENA VII

Ana e Carlota

ANA (*a Carlota que está entre portas*).—Ele nunca vem ao meu quarto.

CARLOTA (*ab açando Ana*).—E' necessario que ele não me veja!... Contentar-me-ei com ver e beijar a minha filha, quando estiver adormecida!... Depois terei animo para...

ANA.—Valha-me Nossa Senhora! Então a gente havia de consentir n'uma coisa d'essas? Agora que a temos aqui!...

CARLOTA.—Ficar eu! Era de mais vir pedir-lhe agasalho e perdão!... Eu não mereço tanto!

ANA.—Ainda que elle lhe perdoasse!...

CARLOTA.—Sim!...

ANA (*chovendo*).—Não me diga isso,—que se me confrange o coração!...

CARLOTA.—Eu fiz-lhe tanto mal! Eu!...

ANA.—Não posso deixá-la ir sózinha, d'esta vez. Partirei consigo!...

CARLOTA (*vivamente*).—Tu? Não, E's aqui precisa. Estás em lugar de mãe... Eu já não sou nada!... (*chora*) Que miseravel que eu sou!...

ANA (*vivamente*).—Mas isto não pode ser assim! Eu vou-lhe dizer... (*faz menção de andar*).

CARLOTA (*a arando Ana*).—Não; não tenho animo. Quero poupar-lhe a vergonha de me repetir... com... repugnancia! Quero evitar-lhe a afronta da minha presença!...

ANA.—Menina! menina! (*transição*) Ele aí vem com a Leonorzinha! Deixe-se estar aí para a vér passar... Esconda-se atrás de mim.

#### CENA VIII

As mesmas, José, Leonor e Anastacio

JOSE' (*entrando, a Ana*).—Boas noites, tia Ana. Cuidei que a chuva não me deixava vir até cá!...

ANA.—Eu já estava em cuidado!...



JOSE' (a Ana).—A pequena vem morta de sono. A ceia, pronta? Vamos a ela! (*sorrindo*) De mais a mais temos um convidado!...

ANASTACIO.—E dizes bem. Estou com uma fome de mil diabos...

JOSE' (a Leonor).—E tu, filha? Em ceando vais para a tua caminha.

LECNOR.—Eu não tenho sono, pae.

JOSE'.—Isso é que nós vamos vêr d'aqui a nada... E fêmeinha!...

LFONOR.—A! Isso, tenho.

JOSE' (*lecando Leonor para a lareira*).—Primeiro, toca a aquecer... depois has de papar. (*Senta Leonor de costas para a F., e senta-se também, ao lado*) Caramba! Cuidei que o vento me levava pelos ares! (*partir d'este momento, Carlota espreita na porta do F. E.*)

ANASTACIO.—Pois eu para aqui estive a caturrar com a velhota... sim, porque outras coisas nas nossas idades... (*vindo*) Depois começou a chover de tal maneira, que já não me vou sem te papar a ceia! (*senta-se de frente para o F. E.*)

JOSE' (*olhando a filha*).—Olha como ela adormeceu, coitadita!

ANASTACIO.—E' melhor tapá-a. (*transição*) Não te molhaste?

JOSE'.—Não. Espere, debaixo de um alpendre, que a enxurrada parasse.

ANASTACIO.—E o que disse o medico da pequenita?

JOSE'.—Não é coisa de cuidado, felizmente.

ANA (*ao meio da ceia, faz um o sin aos Anastacio*).—Olhe... que o talher já está na mesa...

ANASTACIO.—Que duvida! (*faz um sinal a Ana*).

JOSE' (*sorrindo*).—Que diabo de sinais são esses com a minha velhota?... Parece-me que tu, apesar de velho...

ANASTACIO.—É cá uma coisa! Nada tens que vêr com isso!

JOSE' (*sorrindo*).—Temos casamento? P'ra quando é a boda? Que, no teu caso, são as bodas de offo...

ANASTACIO.—Boda, ou coisa parecida (*faz um sinal*).

JOSE'.—Tua ficas cá esta noite. Os caminhos estão enxarcados.

ANASTACIO.—Eu! (*faz um sinal*).

JOSE'.—Sim, tu! A noite está escura como breu... E, d'aqui á aldeia, ainda é um bocadinho... (*ansioso*). Mas que estás tu para aí a fazer com as mãos?

ANASTACIO.—Não é nada (*raiva*). Ouve cá José:—tu sabes que eu sou teu amigo.

JOSE' (*sorrindo*).—Temos sermão?

ANASTACIO.—Não, preciso falar-te seriamente.

JOSE'.—E' sempre assim que tu começas!...

ANASTACIO.—Mas cuve: Eu tenho que te dizer, mas não te zangues comigo, como de costume, porque o caso de agora é...

JOSE' (*atalhando*).—Não me zango, mas guardemos isso para amanhã...

ANASTACIO.—De modo nenhum; tem que ser já.

JOSE'.—Homem! Estás a fazer-me especie... Desembuxa...

ANASTACIO (*Com enfase*).—Esta tarde, appareceu-me uma pobre mulher a pedir-me agazalho. Eu, apesar de velho, não posso te-la comigo... E por isso, tomei a liberdade de a trazer para aqui! Abusei da tua ccondescendencia?

JOSE' (*com esante*).—Uma mulher? Mas não se mete uma mulher em casa, assim, sem mais nem mais!

ANASTACIO.—Mas eu bem sei o que faço... Não te dê isso cuidado...

JOSE'.—Cenhece-la?

ANASTACIO.—E tu também.

JOSE'.—Eu?

ANASTACIO.—Sim, tu!

JOSE'.—Mas explica-te. Quem é essa mulher? Uma vez que m'a trouxéste...

ANASTACIO (*Resolutivo*).—Para que havemos nós de estar com mais aquelas! E' a tua mulher, entendes agora?

JOSE' (*Forallado*).—Minha mulher!? Aqui? Em minha casa? Tu estás doido!

ANASTACIO.—Não estou...

JOSE'.—Com que então, era uma ratoeira armada por ti com a ajuda de Ana?

ANASTACIO (*a José*).—Então, sr. José! Tenha piedade d'ela, que tanto tem sofrido!...

JOSE' (*com elevação*).—Não quero! (*transição*).—Ponham-me já essa mulher na rua!... Não quero vê-la!... Não faltava mais nada!...

ANASTACIO.—Pois, se tu a mandas embora, recebo-a eu, na minha casa!

JOSE'.—Faz lá o que quizeres! Aqui, junto da minha filha, nunca!... (*vão ao F.*). Mas onde está essa infame...

ANASTACIO (*acarrando José*).—José! Então, não te exaltes!... A tua co'era é justa, bem sei, mas as cézias não se fazem assim...

JOSE'.—Vai lá prégar isso aos rapazes, na escola. N'esta casa, govero no eu!... Essa mulher já das portas para fóra!... Já!...

CARLOTA (*Assomando á porta do F. E.*).—José! Nada te venho pedir, nada! Deixa-me beijar a minha filha e sairei logo!...

JOSE'.—Não, não quero! Sália d'aqui (*colérico*). Não sei como me contendo... (*vão sobre ella, mas Anastacio a avisa*).

CARLOTA.—Não te peço perdão,—que isso seria pedir-te muito! Deixa-me só beija-la! Não a acordarei... do seu sono!...

JOSE'.—Não a abandonasse!...

ANASTACIO (*a José*).—E' impossível que tenhas um coração de pedra. Bem lhe basta a tua desgraça. Perdôa-lhe. Deus é justo e perdôa; tu és homem e pecador. Perdôa-lhe, em nome da tua filha. O perdôo torna as criaturas mais dignas umas das outras...

JOSE' (*colérico*).—Não e não!...

CARLOTA (*a José, de joelhos*).—Deixa-me beijar a minha filha! Pe'o amor de Deus te peço, José. Pelo amor, que n'algu' tempo me tiveste, deixame só beija-la. Partirei em seguida!... Venho de muito longe, arrastada pelos caminhos, esmolando de porta em porta! Eu bem sei que não tem perdão a minha culpa, que é justa a tua raiva e o teu desespero. Mas no meio de tanta desgraça, nada ha mais cruel para mim que as saudades da minha filha, da nossa querida filha! Para a vêr, para a beijar não me atemorizei da ventania, nem da lama dos caminhos!... Andei tres noites perdida na serra, sem a'fim com o meu destino, que era vê-la antes que Deus me levasse! Queria, pela ultima vez, beija-la. Não sei como na escuridão da noite os meus olhos enxergaram as estradas; era o coração que me guiava; era o coração de uma mãe perdida e infeliz e Deus talvez o ouvisse... Sinto-me quasi morta, mas terei forças para me ir embora, se m'a deixares beijar!...

JOSE' (*a Carlota*).—Para que a abandonou!...

ANASTACIO (*a José*).—Perdôa-lhe!...

CARLOTA (*a Anastacio*).—Peça-lhe que me mate, se quizer; mas que primeiro me deixe abraçar a minha filha!...

ANASTACIO (*rhoarado*).—Eu não posso com isto. Parte-se-me o coração. (*pega em Carlota e leva-a junio a Leonor e José esconde o rosto no seio de Ana*)

CARLOTA (*ajoelha á lareira, beija as mãos de Leonor e, depois, n'um impulso, aperta-a contra o co'arço*).—Filha! Filha, querida!...

ANASTACIO (*a José*).—E's um homem de bem ás direitas!...

LEONOR (*acodando sobresaltada, olha para Carlota e ajoelha-se para José, dizendo assustada*).—Quem é esta mulher?

JOSE' (*a Leonor*).—E' tua mãe, filha!

## Exposição pecuária e uma parada agrícola na Regoa

Nos dias 14, 15 e 16 do corrente realisaram-se na Regoa as tradicionaes festas do

ro, com uma exposição pecuária e uma parada agrícola. O «mildiu» que atacou ha bem



1. A rez leiteira que obteve o primeiro premio.—2. Um aspêto da exposição

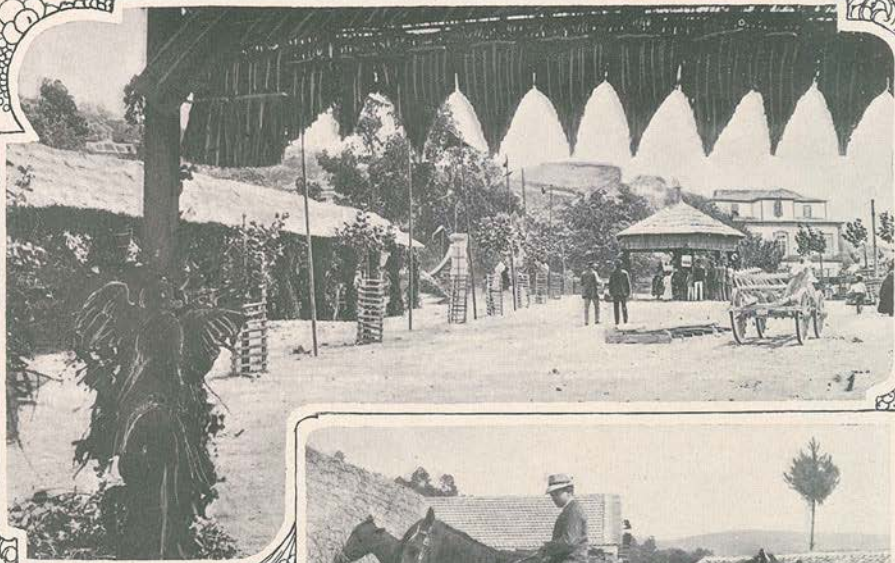
Socorro, este ano acrescidas, por iniciativa do sr. dr. Bernardino Zagalo, um dos maiores propugnadores pelo engrandecimento do Dou-

ro, pouco tempo ainda as terras d'aquella infeliz provincia, contrariou em muito o luzimento d'aqueles certamens; mas apesar d'isso, con-



A Regoa moderna





Outro aspéto da exposição

correram a ambos belos espécimens de deliciosos frutos, mel, doces, azeites, vinagres e vinhos generosos e um razoavel numero de gado bovino e cavalgar que fez a admiração de milhares de pessoas que visitaram a linda vila por ocasião das suas festas.

A' parada e á exposição assistiu a missão agronomica nomeada pelo sr. ministro do fomento, que tambem se fez representar pelo seu secretario particular, sr. Serrão, composta dos srs. José Joaquim dos Santos, conde de Bobone, J. Francisco Grilo, Manuel Almeida e Pinto Bravo, que elogiou a tentativa do sr. dr. Bernardino Zagalo, felicitando-o calorosamente

O primeiro premio do gado bovino coube ao sr. Joa-



Eguas e poldros premiados na exposição pecuaria de Regoa.

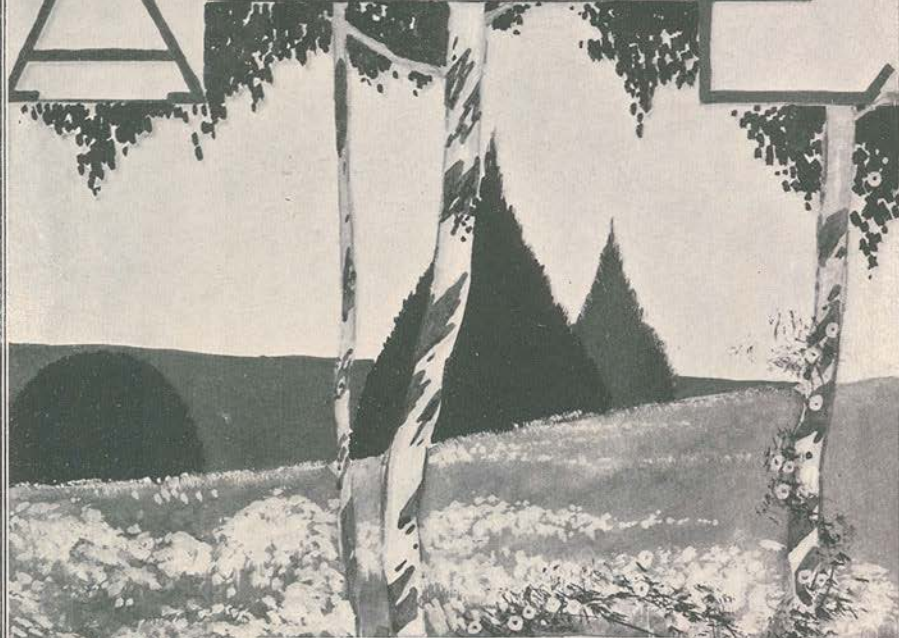
quim Alves da Eira, da Quinta; o segundo ao sr. Julio Teixeira Montenegro, da Pesqueira, e o terceiro, ao sr. Eduardo Correia Guedes, de Fontes. Das vacas leiteiras coube o premio aos srs. José Monteiro, de Landeiro; e do gado cavalgar, aos srs. Antonio Rodrigues Teixeira e Manuel Pinho, ambos de Se-dielos.



Uma instalação da exposição



# A FONTE



A boa Fonte chorava,  
Na terra a arder com desgosto  
De vêr as sêdes de agosto,  
Tão grandes que as não matava!

Ora, o Menino folgava  
De a vêr chorar, ao sol-posto;  
Todo em riso, a voz e o rosto  
Com as lágrimas brincava!

Sem entender sua magua,  
Metendo as mãosinhas na agua,  
Do seu caminho a desvia

Tropeça: assusta-se... E agora,  
Ele é que soluça e chora,  
Emquanto a Fonte sorria!

STUART

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA



# O PAPA PIO X



O dr. Machlaffa, medico assistente de Pio X



O dr. Amici, medico assistente do Pontifice. (Cliché Lamp).

O Papa dirigindo-se aos jardins do Vaticano. Acompanham-no os seus secretarios particulares, mgrs. Bressini, à direita de quem olha para o grupo, Paschi, à esquerda, e por D. Francisco Silli, camareiro, ao fundo. Esta fotografia foi tirada em setembro de 1912



O quarto de cama de Pio X—(Cliché Lamp)

Aquela veneravel figura de velho, que julgava ter chegado à situação culminante na Igreja atingindo o patriarcado de Veneza e que uma cabala internacional — o veto da Austria á candidatura de Rampola ao papado — levou a sentar-se na cadeira de Pedro, morreu.

Cingindo a tiara que durante 27 anos ornára a fronte augusta de um dos maiores papas, o in-

signe politico que foi Leão XIII, o cardeal Sarfo recebia uma pesadissima herança.

As correntes materialistas e revolucionarias assediavam os muros do Vaticano. E a grande obra a realisar era a integração da Igreja dezenove vezes secular no

ambiente do mundo moderno, sem prejuizo dos seus privilegios e tradições, mantendo





simo dos jesuitas. D'aqui muitos desgostos, muitas tribulações para o espirito do Papa, a quem estava destinado o mais duro dos golpes: a separação da França, a filha diléta, da Igreja, exemplo mais tarde seguido por Portugal.

Os treze anos de papado deram-lhe as horas mais amargas da sua longa vida toda consagrada á fé, á piedade, ao bem. E a amargura do seu espirito devia ser tanto maior quanto é certo que ele reconhecia a situação com que se defrontava como muito superior ás suas forças.

Pio X, que era de origem muito humilde, recebeu or-



intangível o dogma. Pio X não era um politico na lata acção da palavra. E para continuar sem soluções de continuidade a obra começada pelo seu glorioso predecessor, mister se tornava aproveitar o grande ministro que fôra Rampola. Tal não sucedeu e ao posto de secretario de estado ascendeu Merry del Val, diplomata arguto mas parciais-

1. Tres irmãs e a sobrinha de Pio X. A que está indicada por uma cruz é a que morreu, de nome Rosa Sarto.  
2. Pio X trabalhando no seu gabinete.—3. Praça de S. Pedro, em Roma.

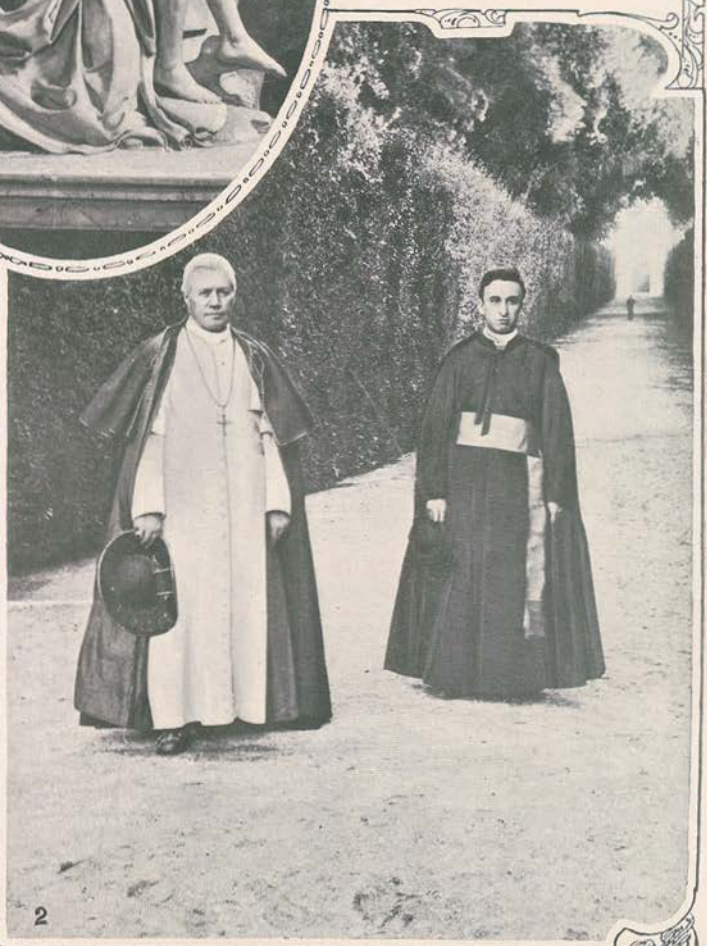


mava-lhe «candidato della serenissima» (Antigamente chamava-se republica serenissima á Republica de Veneza).

Quando a França votou a lei da separação, Pio X condenou-a nas encíclicas «Vehementer nos» e «Gravissimo Officium», documento que proibe os catholicos de formarem associações cultuaes e quaesquer outras emquanto a lei não fosse modificada de harmonia com a constituição da Igreja. O mesmo decidiu recentemente com respeito a Portugal.

Espirito iluminado pelos esplendores da fé e da bondade, tinha de sossobrar ante o cataclismo que ameaça o mundo — todo o mundo em que ele exerceu a sua ação espiritual.

dens em 1858. Foi primeiro abade de Tombolo e depois de Salzano, em 1867. Depois ascendeu a conego, chanceler episcopal e vigario geral. Em 1884 era bispo de Mantua. Vaga a Sé de Veneza, levantou-se um conflito entre a curia romana e o governo italiano de Crispi, sobre o direito de nomear o patriarca de S. Marcos. Leão XIII conteriu-lhe então o chapéu cardinalicio e promoveu-o, em junho de 1893, a patriarca de Veneza. Crispi recusou-lhe o «exequatur» e os rendimentos temporaes. A ação do novo patriarca veneziano grangeou-lhe a simpatia geral. Sarto, pondo de parte a politica, dedicou-se exclusivamente aos negocios religiosos. Leão XIII que o estimava muito, cha-



1. Uma maravilha artistica da basilica de S. Pedro—2. Pio X passeando nos jardins do Vaticano



# Empregados do comercio de Loanda

A Associação Beneficente dos Empregados do Comercio de Loanda que justamente se orgulha de ser a mais importante associação da nossa provincia de Angola, deve o seu estado de prosperidade e de desenvolvimento ao entusiasmo e á tenacidade com que a classe, em cuidadas direcções antigas, a tem sabido administrar, mantendo-a n'um caminho de ascendente progresso durante os 18 anos que já conta de existencia.

Fundada em julho de 1896, sob o titulo de *Agremiação dos Empregados do Comercio*, com o fim de manter n' esta cidade uma associação de recreio, especialmente dedicada á musica,—breve reconhecceu o generoso grupo fundador que os seus fins se tinham antes de fixar n'uma obra de beneficencia, que se estendessem á classe, tão abandonada aqui a esse tempo onde as circunstancias de vida estavam longe ainda

de atingir as condições que o meio oferece hoje.—Por isso, em 14 de fevereiro de 1897, aquella «agremiação» transformava-se em *Associação Beneficente dos Empregados do Comercio de Loanda*, e assim se tem mantido até agora, sempre á volta de uma grande simpatia por parte de todos e que ainda é actualmente uma das maiores garantias da sua existencia.

de commercio mesmo não socio, se encontre um dia ao abandono, por falta de saude ou de recursos, e tem já capitalizados perto de 10 contos, especialmente destinados ao seu fundo de beneficencia.

E' esta a sua grande obra de hoje, a que todos se dedicam com o maior entusiasmo e que realisa já, n'uma larga escala, a consoladora missão para que

Instalada na rua Salvador Correia, n'um dos melhores e mais centrais edificios da cidade, ai se tem desenvolvido e progredido, dentro do limitado numero de 300 socios, que o meio lhe tem dado pelo maximo, conseguindo como associação de classe, que tambem é, viver sempre na melhor harmonia com o patronato, conquistando successivamente, em 1899, o encerramento geral aos domingos; em 1911 a regulamentação d'esse encerramento e, finalmente, em 1912, o encerramento das lojas ás 7 horas da tarde, posteriormente sancionado e regulamentado em portaria do governo geral.

Como associação de beneficencia garante e concede aos seus socios, desde o principio d' este ano, medico, farmacia, hospital, passagens para Portugal, subsidios para funeral e todos os demais subsidios e socorros que forem necessarios para que nenhum empregado



de atingir as condições que o meio oferece hoje.—Por isso, em 14 de fevereiro de 1897, aquella «agremiação» transformava-se em *Associação Beneficente dos Empregados do Comercio de Loanda*, e assim se tem mantido até agora, sempre á volta de uma grande simpatia por parte de todos e que ainda é actualmente uma das maiores garantias da sua existencia.

de commercio mesmo não socio, se encontre um dia ao abandono, por falta de saude ou de recursos, e tem já capitalizados perto de 10 contos, especialmente destinados ao seu fundo de beneficencia.

E' esta a sua grande obra de hoje, a que todos se dedicam com o maior entusiasmo e que realisa já, n'uma larga escala, a consoladora missão para que

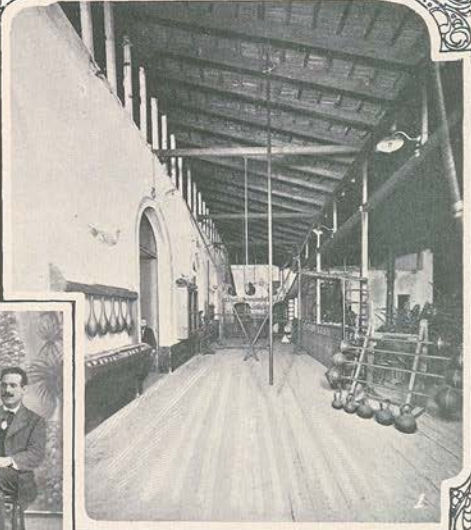


1. O edificio da Associação.—2. Sala de bilhar.—3. Gabinete da direcção.—4. Um grupo de socios.

foi fundada. Nunca lhe tem faltado, para isso, verdadeiras dedicações, como lhe não tem faltado auxílios como os que, só a ela, a Empresa Nacional de Navegação concede, com importantes bonus aos socios nas passagens para Portugal.

Dentro da Associação existem magníficos grupos de «foot-ball» e de «musica», como têm existido varias vezes grupos dramaticos, cujas recitas, no excelente e alegre teatro da Associação, tem obtido o melhor successo.

As fotografias que acompanham estas notas dão bem a ideia da importancia d'esta Associação, á qual está, sem duvida, reservado um futuro cada vez mais largo, pois que naturalmente ele se liga com o da provincia de An-



reito; Jorge dos Reis, vogal. — 2. Sala de ginastica.



1. A direcção em 1914. Da esquerda para direita: Srs. Antonio Mendes Figueiredo, vogal; Horacio Cordeiro, secretario; Antonio Correia de Freitas, presidente; Artur Leitão Nunes, tesou-

divéis provas de quanto tem sabido compreender e executar o grande e generoso papel so-



gola, onde a classe dos empregados do comercio continuará sendo um dos melhores e mais valiosos factores do desenvolvimento da colonia.

E assim, a Associação Beneficente dos Empregados do Comercio de Loanda, que atravez d'esses 18 anos de uma existencia gloriosa tem dado tão inilu-



cial para que foi fundada, mais as continuará dando d'ora ávante, para que tenha sempre o orgulho de se afirmar a primeira associação da provincia.

Loanda.

A. C. de F.

3. Grupo de «foot-ball», (2.º team).—4. Grupo «foo-ball» (1.º team).—5. Grupo musical;

(«Clichés» da Fotografia Lisboense).



mento para o outro desencadear-se n'uma conflagração mundial.

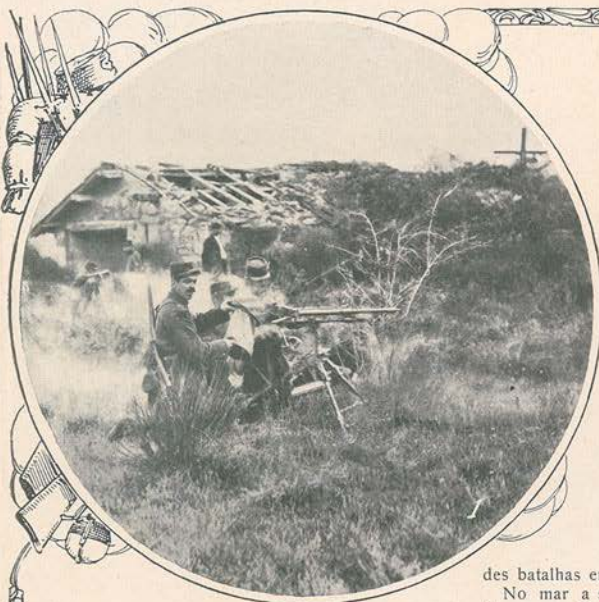
O Extremo Oriente já se agita. O Japão em virtude dos seus tratados ou entendimentos com a Inglaterra, decidiu-se entrar no conflito, tendo já declarado guerra á Alemanha.

Tomando o Japão uma parte directa no conflito, os Estados-Unidos, seu natural inimigo, conservar-se-hão passivos? Eis uma pergunta a que o tempo se encarregará de responder.

A situação geral á hora a que escrevemos, pouco mudou da que que assinalamos no ultimo numero da «Ilustração». Os francezes estão de posse de Alsacia, tendo reocupado Moulhouse e soffrido um revez em Lorena.

Os alemães internam-se na Belgica tendo occupado Bruxelas cuja população fugiu, e mais tarde Allot, Wetteren e Gand, tendose travado a primeira das grandes batalhas entre invasores e coligados.

No mar a situação mantem-se a mesma: longe de uma ação decisiva, que por emquanto não se pode prever e depende das circumstancias, a marinha de guerra ingleza faz a policia dos mares, apresando os navios alemães.



França.—Uma metralhadora em ação.  
(«Cliche» Dellus).

A guerra, que até agora tem tido por teatro o continente europeu, pôde muito bem de um mo-



Belgica.—Desfile da cavalaria.—(«Cliché» Archives du Miroir).



O Imperador da Alemanha e seu estado maior

(«Cliché» Chusseau-Flaviens).



Tropas coloniais francezas (algerianas) p rindo para a fronteira

(«Cliché» Archives du Miroir).





1



2

1. Guilherme II.—(«Cliché Chusseau-Flaviens».)  
2. Um regimento de infantaria austriaca.—(«Cliché» Delius).



3



5



4

4. Artilharia franceza.—(«Cliché» Delius.)  
5. Nicolau II.—(«Cliché» Chusseau-Flaviens).



6



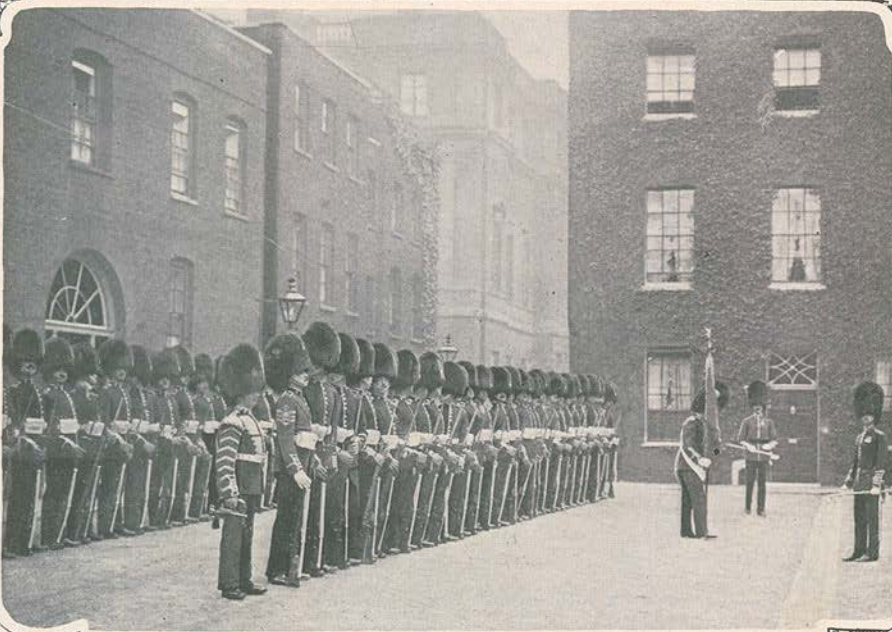
7

3. Soldados de infantaria austriaca.—(«Cliché» Chusseau-Flaviens).—6. O Kronprinz + passando junto às tropas.—(«Cliché» Louis Hogelmann).—7. Cavalaria belga.—(«Cliché» Central-Photos).



Alemanha.—Caçadores a pé fazendo fogo

(«Cliché» Dellus).



Inglaterra.—Revista de granadeiros Ingleses

(«Cliché» Central-Photos).



# O Gran=ducado do Luxemburgo

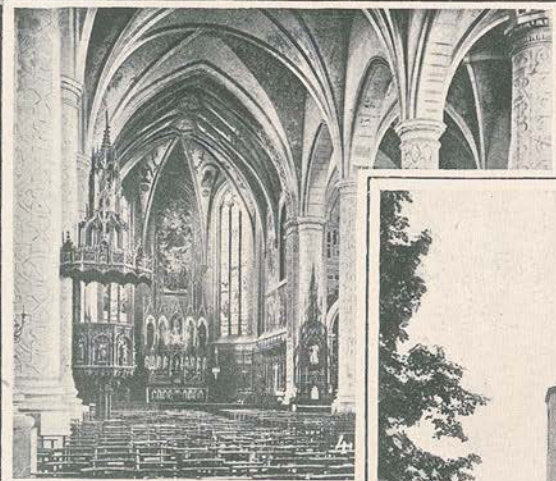
Em 1839, os tratados de 19 de abril deram a garantia europeia ao artigo 2.º do tratado de 1831 que tinha creado e delimitado



tado o Luxemburgo holandez, isto é, o novo granducado de Luxemburgo. Este continuava, todavia, a fazer parte da confederação germanica. Depois da dissolução d'esta ultima, o rei da Holanda recusou entrar na nova confederação da Alemanha do norte. Sobre indicações da diplomacia prussiana, a França propoz ao rei da Holanda a cessão do gran-ducado mas pouco faltou, por este motivo, que a guerra rebentasse entre a França e a



1. O castelo de Vlianden—2. Parque—3. Panorama e torre de Elch—4. Hospício civil



mando assim ao mundo que o direito internacional é um eufemismo com que se veste decorosamente o brutal direito do mais forte. Valha a verdade, aqui ha uns vinte anos, a Alemanha dizia por um interessan-

Prussia. A Austria tomou a iniciativa de uma proposta tendente á neutralisação do gran-ducado e á demolição da fortaleza do Luxemburgo.

Uma conferencia internacional em Londres decidiu que o gran-ducado formasse d'ali para o futuro um Estado neutro, cuja neutralidade seria colocada sob a garantia efetiva das potencias sinatarias do tratado.

Ora é precisamente uma d'essas potencias sinatarias, a Alemanha, que violou a neutralidade do Luxemburgo na sua fujia de atingir a França, procla-



1. Interior da catedral.—2. Rua de Beaumont e egreja de Santo Afonso

Panorama tirado



te livro de um dos seus mais ilustres cabos de guerra, que «as neutralidades só se mantem com boas defezas». Era um aviso que os belgas souberam aproveitar.

O Luxemburgo compreende,



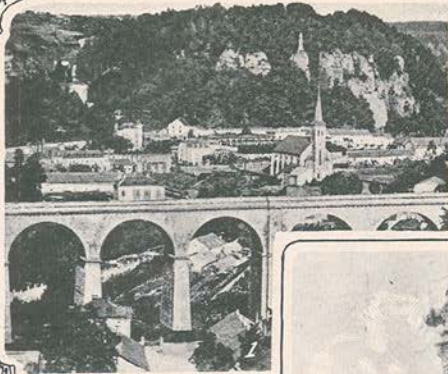
sob o ponto de vista fisico, duas regiões bastante diferentes: a oeste uma região de planaltos chistosos, balisados por colinas de altura media de que as mais altas se elevam a 570 metros, cortadas por vales profundos e arborisados; a leste do Luxemburgo, ao contrario, aparecem formações jurassicas e liasicas que constituem os primeiros socalcos do planalto da Lorena e desenvolvem-se em planicies férteis. O Alzete, na parte central do gran-ducado, se-separa suficientemente as duas regiões.

Sob um clima variavel e frio, o Lu-



1. Avenida do Arsenal.—2. Palacio gran-ducal e camara dos deputados

da estrada de Treves



1. Vale de Clausen

xemburgo é essencialmente um país agrícola, produzindo sobretudo cereaes e lupulo. A falta de jazigos de hulha tem ricas minas de ferro e o seu mineral é exportado para os altos fornos de França (Givet) e da Belgica (Liège). A industria metalurgica, a fabricação de pa-



2. Vista trada da ponte do castelo

que independente, assistido d'um ministro de Estado, de tres directores geraes e d'um conselho de Estado de 15 membros. O poder legislativo é representado por uma camara de deputados eleita por seis anos. Administrativamente, o granducado está dividido em tres distritos. As tropa,



3



5

nos, a papelaria, o fabrico do assucai e da cerveja são as industrias mais importantes.

No Luxemburgo, que desde 1842 faz parte do «Zollverein» alemão, o poder executivo é exercido por um gran-du-



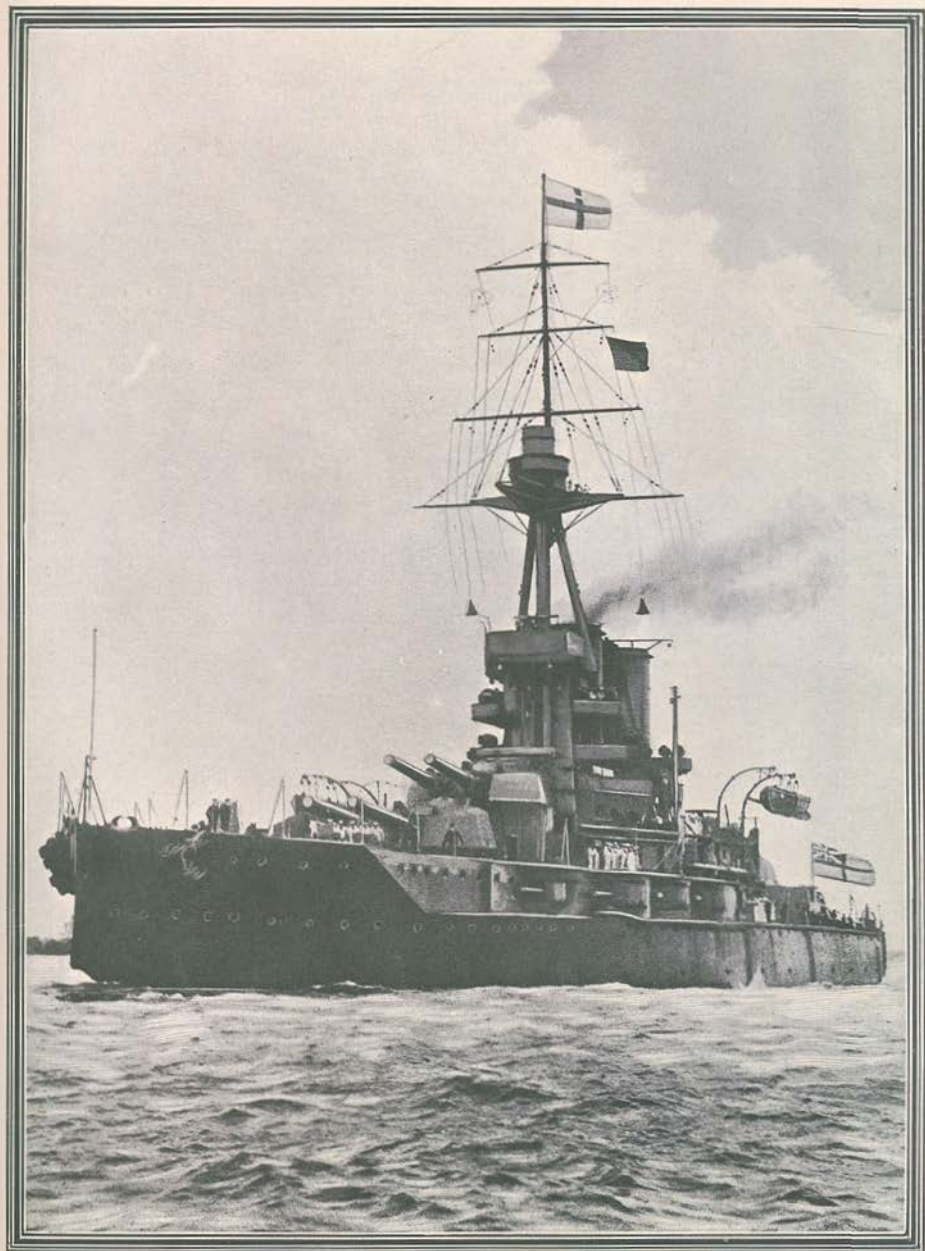
6

são constituídas por 2 officiaes e 135 homens e uma companhia de voluntarios de 6 officiaes e 140 a 170 homens.

O seu efectivo pode em certos casos ser elevado a 250 homens.

3. Monumento comemorativo da guerra dos camponezes—4. O castelo em ruínas—5. Porta de Pfaffenthal—6. Pfaffenthal e o forte





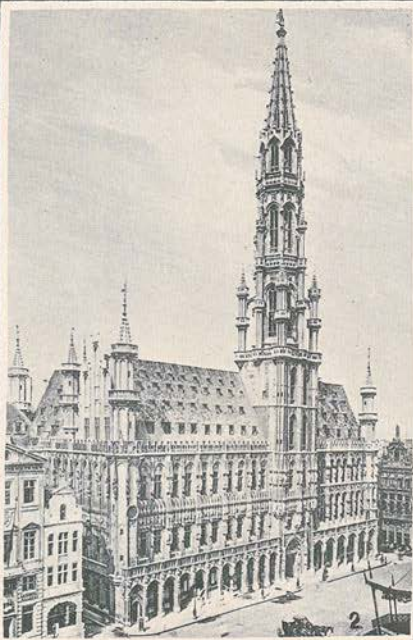
O IRON DUKE, navio almirante da esquadra inglesa

O «Iron Duke» (almirante Sir George A. Callaghan, comandante em chefe da esquadra) é um «dreadnought». Desloca 25.000 toneladas, tem de comprimento 620 pés e de boca 89,5 pés. A sua velocidade é de 21 milhas. A artilharia compõe-se de 10 peças de 13,5 polegadas, 12 de 6, 2 de 3 e 4 canhões. Tem 4 tubos lança torpedos. Este navio é protegido contra ataques aéreos

# BRUXELAS



Vista geral



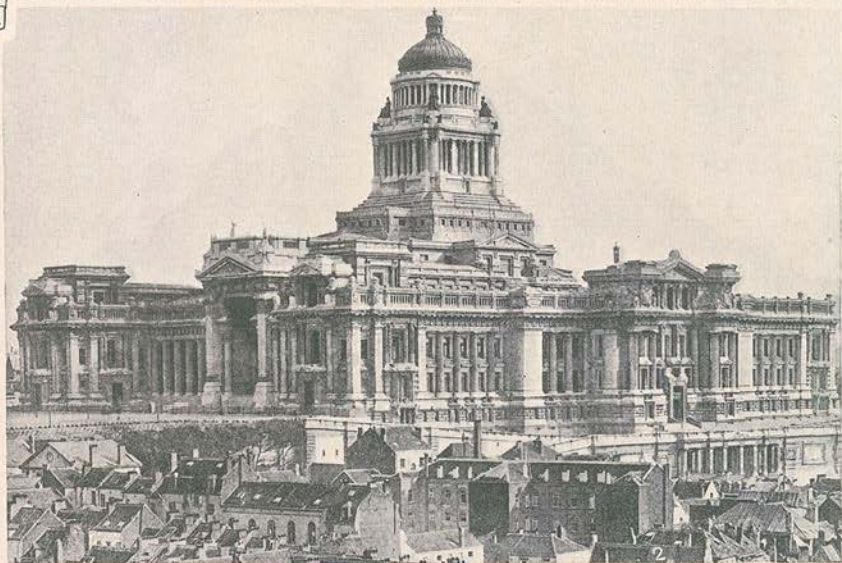
2. Pa'acio municipal.—2. A Catedral



Bruxelas, atualmente ocupada pelos alemães, é, graças ao seu constante progresso, uma das mais belas capitais da Europa. Pela sua proximidade e imediato contato com os principais centros do continente, tem-se desenvolvido extraordinariamente



outro ao Sambre e à bacia hulleira de Charleroi. A primeira menção de Bruxelas data do fim do século VIII. No século X, Carlos de França, duque da baixa Lotharingia, habitou ali. Pelo ano de 1040 a pequena povoação primitiva foi cercada de muralhas. Graças a um



sob todos os pontos de vista. Com as oito comunas que fazem com ela uma aglomeração compacta, e que constituem de facto a capital da Bélgica, tem uma população de aproximadamente 560.000 habitantes. Situada no meio da Bélgica, é o centro de uma importante rede de caminhos de ferro. Um canal liga-a também d'um lado ao Escalda e do



longo período de paz, a cidade engrandeceu-se consideravelmente. No século XIV era a maior das cidades do ducado de Brabant. Depois da reunião d'este ducado ás outras possessões do duque de Borgonha, Filipe o Bom, Bruxelas tornou-se pouco a pouco a capital dos Países Baixos. Durante o período francez

1. Palacio Real
2. Palacio da Justiça
3. A Bolsa



(1794-1815) foi capital do departamento de Dyle; depois, de 1815 a 1830, foi residência do rei dos Países Baixos. Emfim, em 1830, veio a ser a capital do reino da Bélgica. Desde então a transformação da cidade tem-se operado prodigiosamente. Favorecida pelas vantagens que proporciona a capital, a indústria bruxelense é muito variada. Com as suas praças, o seu belo parque e os

palácios que a cercam, os seus «boulevards» e a grande avenida que conduz ao bosque de Cambre, Bruxelas tomou o aspeto de uma grande cidade moderna.

São poucos os seus monumentos mas notáveis. O palácio da «municipalidade» é um magnífico edificio datando da primeira metade do século XV. Em frente d'ele está

estilo semi-gótico e semi-renascença. Com estes dois monumentos, o vasto quadrilátero da grande praça é formado pelas antigas casas das corporações, cujo conjunto arquitetónico é d'um soberbo efeito. Entre as construções civis modernas devem nota-se a Passagem ou Galeria de Santo Huberto, o Banco Nacional, a Bolsa, o Palácio das Belas Artes, o da Justiça e a Porta Central em estí-

lo Renascença. Tem tres templos notáveis: a Catedral ou e igreja de Santa Gudula, Nossa Senhora de la Chapelle e Nossa Senhora das Victorias.

Nas suas modernas escolas e estabelecimentos científicos tem feito os seus estudos homens notáveis de todos os países. Bruxelas é justamente con-



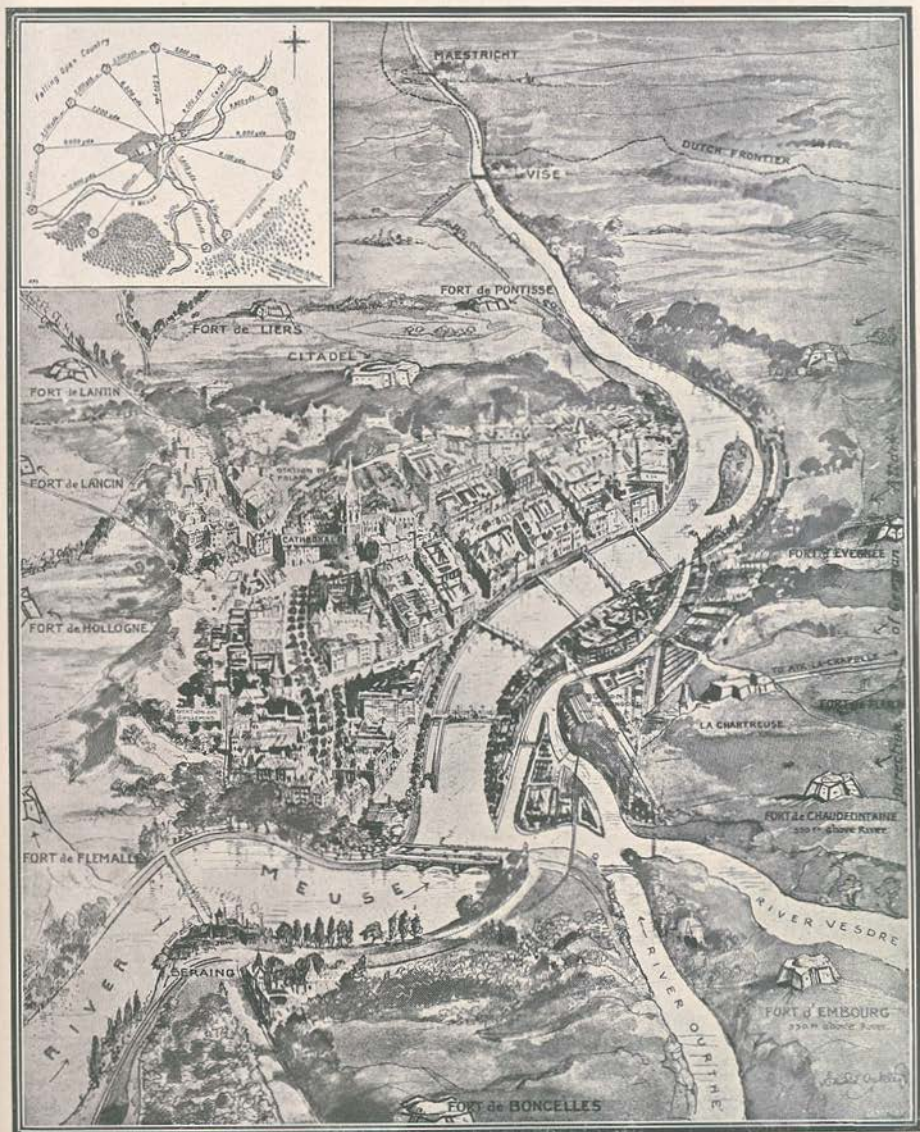
1. A gare do Norte—2. Leiteira flamenga

o palácio real (antigamente Broodthuis), edificio construido em

siderada como centro de grande cultura.



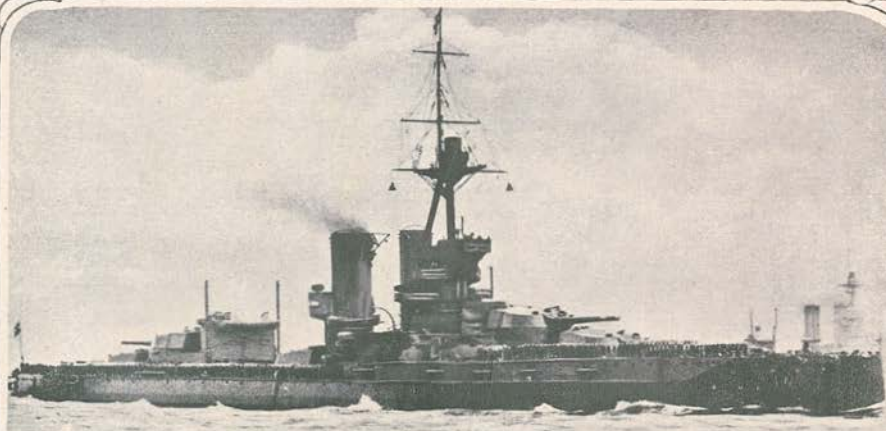
# Liège e os seus fortes



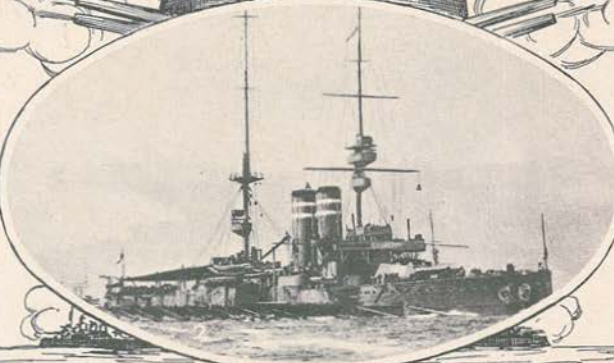
A cidade de Liège, capital da provincia belga do mesmo nome, a primeira atacada pelas tropas alemãs, centro industrial e comercial de primeira grandeza, é defendida por uma extensa linha de fortes, que forma uma frente de 55 quilômetros, estando esses redutos dispostos em forma de elipse, n'uma distancia media de 80 a 90 quilômetros da cidade. Os fortes são em numero de 12: 6 grandes e 6 pequenos, separados entre si pela distancia media de 4 a 6 quilômetros. Todos são construidos em cimento e ferro e dotados dos mais modernos

aperfeiçoamentos, estando o seu armamento abrigado por cupulas blindadas e por casas-matas couraçadas. Não tem canhão algum a descoberto. Os mais importantes são os de Boucelles, Flevon, Barchon, Toutine, Soucina e Fiemalle, cada um com dois canhões de 15 centímetros, quatro de 12, duas peças de 21 e quatro de 57 milímetros.

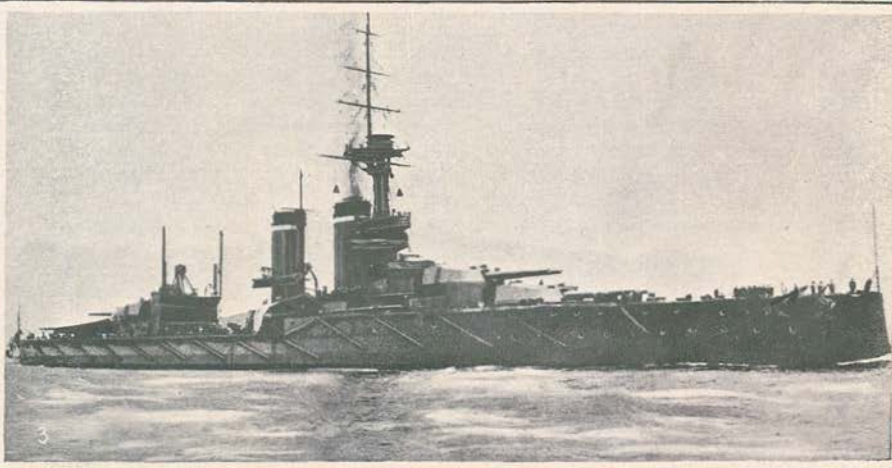
Os outros fortes são defendidos por dois canhões de 15 e dois de 12 centímetros, uma peça de 21 e trez de 57 milímetros.



A bandeira comercial alemã não tremula em parte alguma. As grandes esquadras inglesas, destinadas porventura a pôr um trágico remate à guerra continental, por agora exer-



cem apenas ação policial nos mares, especialmente no do Norte, onde tem dado caça à marinha mercante alemã e inutilizado as minas lançadas pelos navios alemães.

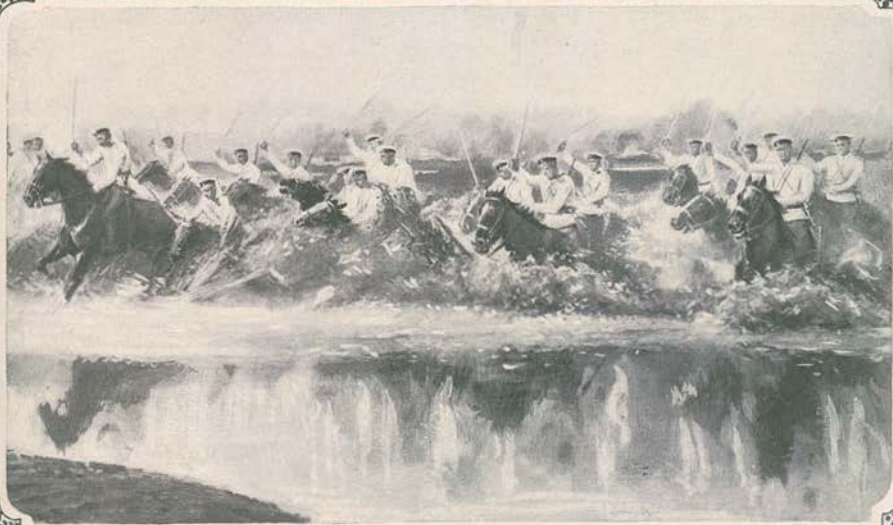


1. O «Marlborough».—2. O «King Eduards».—3. O «King George».





Servios observando o bombardeamento pelos austríacos da ponte de Senlin, próximo de Belgrado.



Uma carga de cavalaria russa na fronteira austriaca



*As fronteiras da Rússia, Alemanha, Áustria e Sérvia, onde se estão dando grandes combates*





## A Instrução Militar Preparatoria no distrito da Horta



1. Governador civil; 2. Secretario geral; 3. Capitão Lacerda Machado; 4. Tenente Campos Branco; 5. tenente Rodrigues da Silveira; 6. tenente Damilão de Melo.

Acaba de terminar o 2.º ano letivo da I. M. P. no distrito da Horta, tendo ela estendido a sua ação a 42 escolas, incluindo-se n'esta designação o liceu e a escola distrital.

No trimestre findo em 30 de junho, 1.780 creanças receberam 510 lições de ginastica, 629 de educação civica e 448 de canto coral.

Frequentaram o 2.º grau 201 mancebos, em quatro locais de concentração.

Funcionaram dois cursos para professores e estão organizados mais tres, que funcionarão na segunda quinzena do mez corrente.

O distrito compreende quatro ilhas,

duas d'elas muito distantes, o que tem dificultado bastante a generalisação d'este ensino, principalmente no inverno, pela falta de communicações.

As provas finais decorreram com brilho. A camara da Vila das Lages, Pico, ofereceu cinco premios. Ao sr. capitão Francisco Soares Machado, organisador da instrução militar preparatoria no distrito, cabem os maiores elogios pelo seu trabalho intelligente e patriotico.



1. Alferes Albano Dias um dos obreiros da I. M. P. («Clíchê» do sr. A Borges da Silva).



Nas Lages do Pico—Exercícios

(«Clíchê» do sr. J. S. de Lacerda).

## FIGURAS E FACTOS



1 e 2. O capitãlista brasileiro sr. Francisco José Leite Borges e sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Aibina Leite Borges, cujos atos de beneficência, principalmente em Matosinhos, os tornam dignos da maior simpatia

3. O sr. Aklmoff, presidente do ministerio russo, falecido—4. O sr. Franci co Xavier Wernz, geral da Companhia de Jesus, falecido



5. Um casamento civil em Bragança: os noivos, sr. José Montanha, empregado do Banco de Portugal e a sr.<sup>a</sup> D. Elisa do Ceu Fernandes, professora de ens. no elemental—6. Grupo de convidados — Da esquerda para a direita, 1.<sup>o</sup> plano, sentadas: Sr.<sup>a</sup> D. Maria Manuela, D. Dina Montanha, D. Elita do Ceu Fernandes, D. Elisa do Ceu Fernandes (a noiva), D. Cândida Pissarro, D. Felismina Furtado, D. Margarida Azevedo, D. Elisa Dias, D. Gervasia, a abilde e sr. Anibal montanha—Em pé: sr. João Leite e esposa, sr.<sup>a</sup> D. Felismina Montanha, major sr. Lopes Teixeira, sr.<sup>a</sup> D. Luiza Dias, sr. Armando Ferreira, sr. José Montanha (o noivo), Casimiro Pissarro, negociante; sr. Alexandre Montanha académico; sr. Humberto Felgueiras, professor do liceu; sr. dr. Alberto Almeida, alferes sr. Antonio Montanha, sr.<sup>a</sup> D. Carolina Dias, sr.<sup>a</sup> D. Albertina Vergueiro, tenente-coronel sr. José Furtado, capitão sr. Antonio Dias, Joaquim Pinto, amanuense do governo civil e Miguel Costa, secretario da camara



Grupo do pessoal da importante casa comercial do sr. Antonio Pinto da Silva & C.<sup>a</sup> de Pernambuco (Brazil) — 1.<sup>o</sup> plano, da esquerda para a direita: sr. Antonio Martins Marques, interessado; sr. José Pereira d'Almeida, socio; sr. Joaquim Antonio Pinto da Silva, chefe da firma; sr. Placido Alves de Faria, socio; sr. Osval Barros d'Aguilar, interessado—2.<sup>o</sup> plano: sr. Lecliano da Silva Coelho, cebrador, sr. Gil Montanha, empregado; sr. Agripino Nogueira Lima, guarda-livros; sr. Antonio Monteiro Sobrinho, despachante; sr. Camilo da Silva Torres, empregado; sr. Abel Alves de Miranda, empregado—3.<sup>o</sup> plano: sr. Jose Martins da Cunha, sr. Fernando Tavares Castanho, sr. Sineciada Silva Coelho, sr. Eclides Pereira Martins e sr. Celestino Abrunhoso, empregados



**PÕ**  
**DE ABYSSINIA**  
**EXIBARD**  
*Sem Opio nem Morphina*  
 Muito eficaz contra a  
**ASTHMA**  
 Catarrho — Oppressão  
 35 Anos de Bom Exito,  
 Medalhas Ouro e Prata.  
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
 6, Rue Dombasle  
 PARIS  
 E BOAS PHARMACIAS

**Colegio Nacional** Internato de 1.<sup>a</sup> classe para meninas. Professoras estrangeiras, piano, canto, pintura, arte aplicada, etc., etc. ◊ ◊ ◊ ◊

**SANTAREM**

**CRÈME DEPILATORIO** pronto a empregar. Efeito garantido. Pertumado. Tira rapidamente, a penugem, barba, os pelos mais rijos da cara e do corpo. Não produz nem borbulhas nem vermelhidão, não irrita a pele. — Envio discreto e franco contra vale do correio de \$80 centavos. REPRESENTANTE: JULES DELIGANT 15, Rua dos Sapateiros — LISBOA

◊ Epil' vite  
 ◊ Epil' vite  
 ◊ Epil' vite

Sabonete preparado com os saes das Aguas



**Mizella**

o melhor para a pelle

## Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

**CAPITAL:**

Acções .....	300.000\$000
Obrigações .....	325.000\$000
Fundos de reserva e amortização .....	995.450\$000
<b>Total .....</b>	<b>950.350\$000</b>

**Séde em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrinho (Tonar), Penedo e Casal d'Hermio (Loud), Vale-Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórmula. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — *Escritorios e depositos:* 27.ª, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANOEL, 51, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.** Numero telefonico: LISBOA, 605—PORTO, 117.

## Luta CONTRA A Surdez

Fazer ouvir como se faz vêr não é do dominio medico, e a experiencia de todos os dias demonstra que d'onde quer que ela venha, a medicina é insufficiente contra esta penosa e rebelde enfermidade.

O mais seguro meio de lutar com exito contra a insuficiencia auditiva, é fazer uso do maravilhoso **Acustifone**, cujo valor está consagrado por altas recompensas e elogiosos testemunhos ao seu inventor.

Não se gastando nem sendo necessario regular-o, este aparelho que nada tem de elétrico é para o ouvido obliterado o que a luneta é para a má vista. Nem pesado, nem desgracioso, nem volumoso, pôde ser usado sem incomodo nem fadiga atraz da orelha e em todas as circumstancias facilitada a audição. De mais, o seu uso regular, tornado facil pela sua adaptação pratica e dissimulada para todos, submete o orgão, que é estimulado e reeducado a uma ginastica racional, incessante, que, sem remedio e em qualquer edade, assegura por uma modificação progressiva a volta normal das funções obliteradas e o desaparecimento das perturbações auriculares.

O inventor diplomado, monsieur Burg, Oficial da Academia, 34, rue Meslay, Paris, envia gratuitamente a quem lh'a peça a brochura illustrada sobre esta bela invenção.

**Perfumaria**  
**Balsemão**  
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

**LOJA DA AMERICA**  
 ROUPAS BRANCAS,  
 SENHORAS e CREAMANES  
 - R. DO OURO 206 -

**FOTOGRAFIA**

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

**21, Boulevard Montmartre — PARIS**

TELEPHONE: Gutenberg 42-09      ASCENSOR

# CORDIAL VICHY



Grande  
Liqueur

TELE. 2733

PESSANHA BOTTINO & PESSANHA L.  
R. VASCO DA GAMA 5A13